

**VIGIAR
OS
VIGILANTES**



**VISTO &
nãO VISTO**

Precisei ficar uns dias de repouso e resolvi assistir a alguns filmes clássicos, dentre esses o Watchmen. O filme tem por pano de fundo as histórias em quadrinhos da década de 1980, ambientadas no período da Guerra Fria e transcorrendo numa sociedade vencida pela imoralidade e violência. Homens e mulheres usando roupas colantes e máscaras passam a agir como vigilantes, justiceiros que são questionados por suas ações; paredes são pichadas com a inscrição “quem observa os observadores”, ou “quem vigia os vigilantes”. A expressão é antiga, “Sed Quis Custodiet Ipsos Custodet?”, foi usada pelo poeta romano Juvenal¹ ao ridicularizar a prática de homens que contratavam vigilantes para manterem as esposas trancadas e vigiadas, com o objetivo de mantê-las castas. Ele propunha a questão de quem seria confiável para essa tarefa – afinal, os vigilantes seriam os primeiros e únicos a terem acesso às esposas de seus contratantes; com esses elas os trairiam.

O protesto expresso pelas pichações expõe as ações dos vigilantes; eles perseguem, capturam, julgam e executam a pena – poder absoluto sobre os que consideravam criminosos. De onde vinha esse poder? Prepotência? Espírito de justiça? Vingança? No caso do Dr. Manhattan eram seus superpoderes, mas isso é outra história. O Estado então interveio, os vigilantes devem trabalhar sob seu comando; o Estado, segundo Weber, é “uma comunidade humana que reivindica o monopólio do uso legítimo da força física em um dado território”, o Estado concede e legitima o uso do poder. O Estado brasileiro concede e legitima poder para várias instituições, a tantas intitula seu início com a palavra “Superior”; assim temos muitas “instâncias superiores”. São nossos vigilantes, no sentido de que vigiam nossas ações e a aplicação de nossas leis. O título “Superior” pressupõe que não há como discutir ou discordar de suas decisões.



A questão levantada em Watchmen é pertinente em nossos dias: “quem vigia nossos vigilantes?”. As ações de dois personagens do filme servem de advertência: “Rorschach e Ozymandias são importantes porque vemos neles que qualquer um pode ser corrompido. Visões políticas de esquerda ou de direita são de pouca consequência, pois são meramente maneiras pelas quais os poderosos racionalizam o que estão fazendo. Consequencialismo e deontologia são meramente racionalizações adicionais dessas ideologias em comando. Não é surpresa que nenhuma dessas visões realmente tenha um tratamento justo em Watchmen. Moore e Gibbons não estavam interessados em mostrar se essas visões poderiam ser articuladas até o ponto em que se tornassem razoáveis para o comportamento, pois não é assim que essas ideologias funcionam no mundo real. Notemos também que os personagens mais morais no quadrinho, os dois Coru-

jas, são basicamente sem ideologia. Eles não têm grandes ideais morais, confiando mais em um senso básico de decência. Dreierberg, o segundo Coruja, especificamente, afasta-se da tomada de grandes decisões que afetem o mundo todo, pois uma pessoa simplesmente não é competente para fazer isso. A lição real por trás de toda a história é que a ninguém, não importa qual sua ideologia, deve ser confiado poder em excesso”². No escopo político, enquanto relações na polis, vale lembrar as palavras de Lord Acton: “O poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente, de modo que os grandes homens são quase sempre homens maus”³. Grandes impérios/Estados têm sido edificados, costumeiramente, sobre os alicerces da violência: invasões, assassinatos, estupros, traições, torturas, saques, corrupção; nossos atos de barbárie. Não sabemos administrar o poder para o benefício da humanidade; penso que isso se deve ao fato de não sabermos de onde provém o poder que temos enquanto humanos.

Tenho a Bíblia como Palavra divina, creio que Deus é criador e todo poderoso; o poder que temos como seres humanos foi por ele nos outorgado para o adorar e cumprir seus propósitos. Infelizmente nossos pecados têm deturpado o plano original de Deus; isso não limita o seu poder, mas altera o comissionamento ao homem. Acompanhemos o profeta Isaías: “Que aflição espera a Assíria, a vara de minha ira; uso-a como bastão para expressar minha fúria! Envio a Assíria contra uma nação ímpia, contra o povo com o qual estou irado. A Assíria os saqueará e os pisará como pó sob os seus pés. O rei da Assíria, porém, não entenderá que é meu instrumento; esse não é seu modo de pensar. Seu plano é somente destruir, derrubar uma nação após a outra” (Is 10.5-7). A Assíria acreditava que todo seu poder lhe era inerente, não percebia que era tão somente instrumento de Deus. Haveria um acerto de contas com aquele que lhe dera poder: “Depois que o Senhor tiver usado o rei da Assíria para realizar seus propósitos no monte Sião e em Jerusalém, ele se voltará contra o rei da Assíria e o castigará, pois o rei é orgulhoso e arrogante. Ele diz: “Fiz isto com meu braço poderoso, com minha astuta sabedoria o planejei. Destruí as defesas das nações e levei seus tesouros; como um touro, derrubei seus reis. Roubei as riquezas de seus ninhos e ajuntei reinos como o camponês ajunta ovos.” (Is 10.12-14). Isso também se dá entre o povo que se intitula povo de Deus: “Por esse tempo, o vidente Hanani foi a Asa, rei de Judá, e lhe disse: “Uma vez que você confiou no rei da Síria, em vez de confiar no SENHOR, seu Deus, perdeu a oportunidade de destruir o exército do rei da Síria. Você não se lembra do que aconteceu aos etíopes, aos líbios e a seu exército enorme, com todos os seus carros de guerra e cavaleiros? Naquela ocasião, você confiou no SENHOR, e ele os entregou em suas mãos. Os olhos do SENHOR passam por toda a terra para mostrar sua força àqueles cujo coração é inteiramente dedicado a ele. Como você foi tolo! De agora em diante, haverá guerras contra você” (2Cr 16-7-9).

Regimes e instituições autoritárias exercem uma poderosa atração, somos levados a legitimá-los, como somos tolos; mas isso é outra história.

Pedro Jorge, Pr.

1 Décimo Júnio Juvenal. (entre 55 e 60 – após 127), autor das Sátiras.

2 LOFTIS, J. Robert In Watchmen e a filosofia. São Paulo: Madras, 2009, p. 79.

3 John E. E. Dalberg-Acton. (10/01/1834 – 19/06/1902). Historiador britânico.

Registre suas impressões sobre as relações de poder entre os “poderes superiores” em nosso país.

Registre suas impressões sobre irmãos e irmãs em Cristo que agem como “vigilantes da fé” em suas comunidades eclesíásticas, ou seja, aqueles que se consideram a “instância superior em questões de fé, doutrina e liturgia”.

O que você faz para não se tornar um “vigilante da fé”.

Caso você tenha alguma dúvida ou queira compartilhar sua experiência escreva para:
ensino@batistadomeier.org.br

Para **Visto& NãoVisto** anteriores acesse nosso site.

Texto: Pr Pedro Jorge Farias
Arte: Luiz Menezes

Igreja Batista do Méier
Rua Hermengarda, 31 - RJ CEP 20710-010
Telefax: (21) 2599-3000
Site: www.batistadomeier.org.br
E-mail: igreja@batistadomeier.org.br